

TRADUTORES DE LÍNGUA DE SINAIS E VIDEOPROVAS: UM PROCESSO DE CONHECIMENTO EM CONSTRUÇÃO¹

Sign Language and video exam translators: the process
of knowledge construction



LIBRAS

Patricia Tuxi²

Nara Caroline Santos Xavier Rocha³

RESUMO

Este trabalho segue a linha de pesquisa dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação no âmbito das Línguas de Sinais. Tem como objetivo investigar a produção teórica acerca dos elementos necessários para o Tradutor Intérprete de Língua de Sinais elaborar, registrar e produzir videoprovas no espaço educacional. O percurso metodológico é a pesquisa exploratória por

ABSTRACT

This work follows the line of research in Translation Studies and Interpretation Studies in the field of Sign Languages. It aims to investigate the theoretical production about the necessary elements for the Sign Language Interpreter to elaborate, register and produce video exam in the educational space. The methodological path is ex-

¹ Acesse aqui para ler em Libras: <https://youtu.be/Sx9LnHYXDno>.

² Doutora em Linguística; professora do Programa dos Estudos da Tradução – POSTRAD e do curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: ptuxiiinterprete@gmail.com

³ Mestranda em Estudos da Tradução/ Programa de Pós-Graduação dos Estudos da Tradução – POSTRAD/ bacharel em Letras Libras. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: narachique@gmail.com

meio do levantamento bibliográfico. Para melhor compreensão, dividimos o texto em três tópicos. No primeiro, trazemos uma perspectiva contemporânea dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais – ETILS. Em seguida, é feita uma explanação sobre essa forma de avaliação em língua de sinais do Brasil. Na terceira e última parte, apresentamos as produções teóricas encontradas e analisamos quais os recursos, conhecimentos e etapas necessárias, apresentadas pelos autores, para a tradução e produção de videoprovas. Nas considerações finais fica evidente que as videoprovas, hoje, são um direito legal e linguístico do surdo no meio educacional e que se faz necessária uma formação contínua de tradutores e intérpretes que atuem na área.

ploratory research through a bibliographic survey. For better understanding, we divided the text into three topics. In the first, we bring a contemporary perspective of the Studies of Translation and Interpretation of Sign Languages – ETILS. Then, an explanation is made about the evaluation in this form of visual evaluation in Brazil. In the third and last part, we present the theoretical productions found and analyze what are the resources, knowledge and necessary steps presented by the authors for the translation and production of video exam. In the final considerations, it is evident that the video exam today is a legal and linguistic right of the deaf in the educational environment and that it is necessary a continuous training of translators and interpreters working in the area.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos da Tradução; Estudos da Interpretação; Língua Brasileira de Sinais; Videoprova; Intérprete Educacional.

KEYWORDS

Translation Studies; Interpretation Studies; Brazilian Sign Language; Educational Interpreter; Video Exam.

Introdução

Durante os últimos anos, percebemos a visibilidade que a língua de sinais vem ganhando, com a presença de intérpretes e tradutores em diversos contextos sociais como: propagandas eleitorais, mídias na televisão e o espaço das redes sociais. Contudo, para nós uma mudança significativa, mas que ainda não está bem registrada, ocorreu no campo educacional, pois o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais – TILS – sai do papel de “aquele que é o único no espaço da escola a conhecer a língua de sinais, além do aluno surdo.” (TUXI, 2009) e passa a ser reconhecido pela sua função de tradutor e de intérprete com seus respectivos papéis.

Essa mudança ocorre como reflexo da própria atualização das leis que constituem esse âmbito. No início, a lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras enquanto língua e meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, sequer cita a figura do intérprete. No Decreto Regulamentador nº 5.626/2005 há um campo que define onde ele estará presente, mas é a Lei Brasileira de Inclusão, em 2016, que determina a formação necessária para os níveis de atuação, no âmbito da educação, como também define o direito do surdo à acessibilidade linguística.

Paralelos a essas mudanças, no espaço acadêmico, os estudos e pesquisas sobre tradução e interpretação de língua de sinais também refletem mudanças. Podemos considerar como um importante início a pesquisa realizada por Santos em seu doutorado em 2013 quando registra, por meio de mapeamento, as pesquisas já realizadas no campo da Tradução e Interpretação das línguas de sinais.

Para Santos, os Estudos sobre a Tradução e Interpretação de Língua de Sinais –ETILS – são impulsionados pelas demandas de atuação que foram sendo registradas nos campos de trabalho desses profissionais. A pesquisadora analisa que as obras seguem linhas distintas, algumas seguem traduções de obras literárias, outras investigam a produção de glossários e aspectos que envolvem a lexicografia. Há também as que investigam, respectivamente, elos coesivos, descrições imagéticas, gírias, sem contar as que focam na interpretação de aspectos como a fluência em línguas de sinais, vídeo-registro em Libras, trocas de turno, análise de sobreposição de canais visual/oral e descrições imagéticas em narrativas, entre outros.

E quem está produzindo esses trabalhos? A maioria das dissertações e teses foi elaborada por intérpretes de Libras e professores e que buscam formação nos níveis de mestrado e doutorado.

Essa situação nos chama a atenção não só para a necessidade urgente de formação de pesquisadores em ETILS, mas também, para a preparação de futuros credenciamentos junto aos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução. É algo que precisa ser construído entre os pesquisadores em ETILS e parece exigir não só um olhar voltado para a produção intelectual necessária para o credenciamento nos programas, mas também, um comprometimento intelectual e cooperativo que preze pela inserção estratégica daqueles em espaços voltados para os Estudos da Tradução, o que, por consequência, contribui para o fortalecimento dos ETILS. (SANTOS, 2018.p. 387).

Portanto fica evidente a importância do estudo e da formação de pesquisadores nos diversos contextos que envolvem o campo dos ETILS. Dentre os diversos contextos, destacaremos o educacional, onde encontramos demandas tanto de tradução como de interpretação.

Rodrigues e Santos (2018) apresentam um quadro onde é possível visualizar as atividades demandadas dos TILS inseridos no âmbito educacional e mostram que apesar de haver uma necessidade maior pela interpretação de/para a língua de sinais, há também atividades de tradução.

Os pesquisadores salientam que muitas interpretações seriam desnecessárias se houvesse materiais, recursos e avaliações traduzidas. Portanto, no contexto educacional existem atividades de tradução e de interpretação entre as línguas de diferentes modalidades⁴, como vemos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Tradução e interpretação em contextos educacionais.

TRADUÇÃO INTERMODAL	INTERPRETAÇÃO INTERMODAL
Português-Libras	Português-Libras
<ul style="list-style-type: none"> - materiais didáticos (livros didáticos e paradidáticos etc.); - cartilhas e/ou programas escolares; - literatura dos mais diversos tipos; - hino nacional e outros; - sites, blogs e congêneres; - vídeos educativos diversos; - vídeos institucionais; - filmes ou trechos de filmes usados como recurso didático; - documentários ou partes deles, assim como outras produções veiculadas na mídia; - apresentações televisivas: reportagens e telejornais usados como materiais de apoio à aula; - documentos jurídicos e institucionais (normas, orientações, regimentos, estatutos etc.); - avaliações e atividades diversas; - provas de concursos, vestibulares e exames nacionais; - comunicados e informes; - edição e revisão de traduções. 	<ul style="list-style-type: none"> - interações diversas (aulas ministradas em português, reuniões, orientações, bancas e demais ações envolvendo os atores da educação); - diálogos entre surdos falantes de Libras e ouvintes não fluentes em Libras; - materiais e recursos empregados nas aulas: <ul style="list-style-type: none"> - livros didáticos e paradidáticos; - literatura dos mais diversos tipos; - vídeos educativos diversos; - sites, blogs e congêneres; - filmes ou trechos de filmes usados como recurso didático; - documentários ou partes deles; - apresentações televisivas: reportagens, telejornais etc. - hino nacional e outros; - documentos jurídicos e institucionais (normas, orientações, regimentos, estatutos etc.); - avaliações e atividades diversas; - provas de concursos, vestibulares e exames nacionais; - bilhetes, mensagens, comunicados e informes.
Libras-Português	Libras-Português
<ul style="list-style-type: none"> - trabalhos dos alunos e atividades diversas; - produções acadêmicas (artigos, dissertações, teses etc.); - vídeo-aulas; - literatura em Libras, incluindo as piadas e os pequenos contos; - edição e revisão de traduções. 	<ul style="list-style-type: none"> - interações diversas (aulas ministradas em Libras, reuniões, orientações, bancas e demais ações envolvendo os atores da educação); - diálogos entre surdos falantes de Libras e ouvintes não fluentes em Libras; - trabalhos dos alunos e atividades diversas; - materiais e recursos empregados nas aulas; - literatura em Libras, incluindo as piadas e os pequenos contos.

Fonte: Rodrigues e Santos (2018).

⁴ As línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos (QUADROS e KARNOPP, 2006 p. 47).

No campo de tradução intermodal, damos destaque à tradução de avaliações, provas, vestibulares e exames nacionais, de onde retiramos o objeto de estudo de nossa pesquisa. A tradução para qualquer língua requer tempo, estudo, pesquisa e para o registro de traduções em línguas de sinais também é necessário ter o conhecimento especializado sobre recursos de produção e gravação e edição de vídeos.

A tradução de provas escritas em Português para a língua de sinais no formato de videoprova é uma atividade que deveria fazer parte do cotidiano do TILS em ambiente educacional, estando este apoiado por uma rede de profissionais como o professor regente de cada disciplina, bem como outros intérpretes, com os quais ocorrem trocas de sinais, experiências e procedimentos na hora de elaborar a tradução de uma videoprova. Isso fortalece a luta pelo direito dos alunos surdos serem avaliados em sua língua e garante uma real acessibilidade linguística.

No entanto, o universo de registro e avaliação de uma videoprova é ainda um campo novo e de poucas produções. Assim, iniciaremos um breve panorama de como as videoprovas servem como caminho para a acessibilidade linguística, apresentando um breve histórico e trazendo pesquisas já realizadas na área.

2. Videoprova no Brasil: breve históricos e exemplos

Neste trabalho, adotamos o conceito de acessibilidade linguística como sendo a eliminação de eventuais barreiras comunicativas, visando ao acesso, por meio da língua de sinais, à informação e à instrução. Entendemos que a Língua Portuguesa seja aprendida como segunda língua e na forma escrita.

Uma legislação que garante essa acessibilidade é a Lei Brasileira de Inclusão – LBI –, que prevê a obrigatoriedade das instituições federais garantirem às pessoas surdas condições de acesso em seus processos seletivos, com a presença de intérpretes de Libras.

Art. 30. Nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas, devem ser adotadas as seguintes medidas:

[...]

III - disponibilização de provas em formatos acessíveis para atendimento às necessidades específicas do candidato com deficiência;

[...]

VI - adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação, que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa;

VII - tradução completa do edital e de suas retificações em Libras. (BRASIL,2015)

A videoprova em Libras para alunos surdos já é uma realidade em muitas universidades federais, bem como a tradução de editais e a correção diferenciada em provas de redação para participantes surdos, deficientes auditivos e disléxicos. Podemos indicar como marco desse tipo de avaliação o vestibular do curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, oferecido na modalidade de ensino à distância em 2006.

A prova era constituída de quinze questões objetivas realizadas em Libras e cinco questões objetivas formuladas em Português e tinha o seguinte comando:

O candidato assistirá a cada questão formulada na LIBRAS duas vezes e assistirá às quatro alternativas de respostas na LIBRAS. Após cada questão, marcará a resposta correta no caderno de prova e, depois de serem apresentadas as 15 (quinze) questões, passará as alternativas marcadas para o cartão resposta. O tempo para cada questão será o mesmo para todos os candidatos. (COPERV/UFSC, 2006 p.3).

A partir do texto acima é possível identificar que a prova foi formulada em Libras e, segundo Amorim (2019), passou a ser referência para outras universidades como modelo de avaliação bilíngue.

Outro exemplo de prova com acessibilidade linguística foi a edição do Exame Nacional do Ensino Médio – Enem –, que começou em 2017. Todo o projeto é composto por editais, videoprovas, cartilhas e campanhas de comunicação em Libras, o que tornou o Enem acessível linguisticamente.

Nesse mesmo ano, o tema da redação foi “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil” e gerou um grande debate sobre questões ligadas aos contextos de inclusão social, linguística educacional, aspectos jurídico e cultural da comunidade surda.

A Figura 1 mostra o selo criado pelo INEP que representa o sinal do Enem em Libras e, ao lado, a imagem mostrando alguns dos tradutores da prova de 2017. À esquerda, temos a Dra. Mariane Stumpf e à direita o

Figura 1 – Selo e apresentação do ENEM em Libras.



Fonte: INEP.

Dr. Rodrigo Rosso, ambos surdos e professores da UFSC. Além do selo, o Inep lançou a plataforma de acesso às videoprovas em Libras disponível no site www.portal.inep:

... o Inep disponibiliza os vídeos com os enunciados e as opções de respostas da videoprova, permitindo que surdos e deficientes auditivos estudem no mesmo formato acessível em que elas são aplicadas. Ao ser disponibilizada no próprio portal do Inep, com uma interface parecida com a utilizada na videoprova, os participantes surdos podem se preparar melhor. A funcionalidade permite assistir aos vídeos das questões e conferir o gabarito, se o participante desejar. (INEP, Enem em Libras⁵).

A prova é realizada individualmente e os candidatos são direcionados para salas preparadas para o recebimento de computadores e com espaço individualizado para o candidato. Nesse espaço, cada um recebe DVDs com a videoprova e as questões podem ser visualizadas quantas vezes forem necessárias.

Contudo não são todos os exames nacionais que oferecem videoprova como forma de acessibilidade linguística. Grande parte das Instituições de Ensino Superior – IES – ainda utilizam a presença do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais – TILS – no momento da prova como única forma de acessibilidade para o surdo. No entanto, caso fosse possível ao profissional ter acesso e traduzir essa prova, teria ele as competências necessárias para tal função? Mas o que é necessário conhecer para traduzir e elaborar uma videoprova? Há padrões específicos? Este é um assunto que seguimos no próximo tópico, onde apresentamos importantes pesquisas sobre o tema.

⁵ Consultado em março de 2021 em <http://www.portal.inep>.

3. Recursos, conhecimentos e etapas necessários para a tradução e produção de videoprovas

O processo de elaboração de videoprovas é uma nova área em expansão no campo dos ETILS. Traduzir provas para a Libras em vídeo a partir de textos escritos em Língua Portuguesa é uma atividade relativamente recente, e, portanto, ainda com poucas pesquisas que contemplem essa especialidade. Contudo podemos destacar duas pesquisas acadêmicas e uma palestra sobre o tema.

A primeira pesquisa é a tese de doutorado de Silva (2019) que tem como título “Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise”. Nesse trabalho, o pesquisador apresenta a estrutura das provas videossinalizadas⁶ dos vestibulares 2012 e 2019 produzidos pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Seu objetivo foi identificar os gêneros acadêmicos emergentes em Libras, entre os quais está a prova, e analisar os elementos que caracterizam a prova como gênero acadêmico. Para tanto a metodologia adotada foi a comparação dos aspectos técnicos e procedimentais que estruturaram a produção do gênero prova, dos vestibulares de 2012 a 2019 da UFSC, que foram videossinalizadas.

Além da tese produzida, o autor também é coordenador editorial da *Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras*⁷, que tem dentre seus objetivos a formalização de gêneros acadêmicos produzidos em Libras. A pesquisa tem sua relevância, pois apresenta passos para a produção de uma videoprova, elencando aspectos materiais, procedimentais e dicas de edição. É um material de orientação para TILS que lida com a produção desse gênero em espaços de avaliação.

Segundo o autor, os trabalhos de tradução de provas do Português escrito para Libras videossinalizadas são considerados complexos e comprova isso ao citar Reichert (2015, p. 112):

[...] a tradução para a Libras vai expor um jogo de relações entre um material escrito e um material sinalizado, entre uma forma consolidada de expressão e de registro que determina diferentes leituras de um texto, diferentes gêneros, diferentes formas discursivas que possuem suas próprias convenções no material escrito e diferentes estratégias de uso da tecnologia de registro (o material impresso). [...] de outra parte, temos uma tradução em Libras que muitas vezes suprime, readapta, convencionada de outra maneira as referências ao conteúdo e cria diferentes estratégias de uso da tecnologia de registro disponível (no caso, o vídeo).

⁶ Nomenclatura registrada pelo autor em sua tese.

⁷ Disponível em: [<https://revistabrasileiravlibras.paginas.ufsc.br/>].

A partir da leitura acima é possível perceber que o trabalho de tradução de provas escritas em Português para seu registro em língua de sinais envolve: tecnologia, o uso de estratégias tradutórias e os efeitos que a modalidade das línguas pode gerar. Também indica que em uma única prova é possível encontrar textos de gêneros diferentes, o que demanda do tradutor o conhecimento especializado para uma boa tradução do gênero convencionado.

Silva (2019) lista dez aspectos que considera importante para a formação de tradutores que atuam no âmbito de videoprovas, são eles:

3.1. O plano de fundo

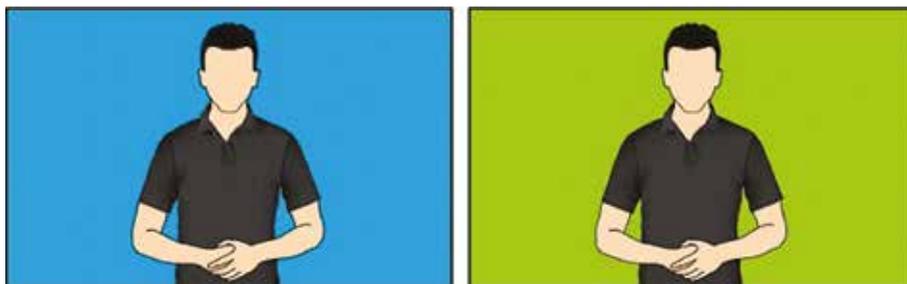
De acordo com Silva (2019), existe uma variedade de recomendações sobre a cor do plano de fundo para fins diversos. Por exemplo, a *Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras* orienta a cor branca para artigos submetidos à revista, já a *Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais* (BRASIL, 2009) para trabalhos em geral orienta o uso da cor azul clara e sugere que não se use as cores amarelo, vermelho, laranja e preto no fundo. Há ainda o *Manual do Departamento de Ensino Superior – DESU – do Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES –*, (2015), que orienta a cor cinza para trabalhos acadêmicos.

Silva (ibidem) também cita Fonseca (2004) ao falar dos efeitos causados pelas cores:

as cores frias como azul e verde são consideradas calmantes e suaves, cores de relaxamento do estado emocional humano. Como essas cores surtem esse tipo de sensação calmante, entende-se que não causam cansaço à vista e, portanto, são cores que podem ser consideradas funcionais para vídeos de longa duração. (SILVA, 2019 p.189 apud Fonseca 2004).

O fundo infinito verde, ou Chroma Key, como é conhecido no meio dos assuntos audiovisuais, também pode ser utilizado, pois oferece várias possibilidades de criação e edição, como a inserção de imagens, legendas, fórmulas e identificação de questões. Há discussões e críticas referentes ao pano de fundo branco devido ao forte brilho, especialmente, quando no formato digital. Portanto os planos de fundo mais utilizados para a produção de videoprova, segundo o autor, estão exemplificados a seguir.

Figura 2 – Planos de fundo com cores mais usuais em videoprova.



Fonte: Silva (2019, p. 158).

Para o público de alunos surdocegos⁸ existem orientações específicas. Recomenda-se preferencialmente o uso da cor preta no plano de fundo, bem como na vestimenta dos sinalizantes, de modo a facilitar a visualização de pessoas que possuem baixa visão (SILVA 2019, p.159).

Figura 3 – Plano de fundo para surdocegos.



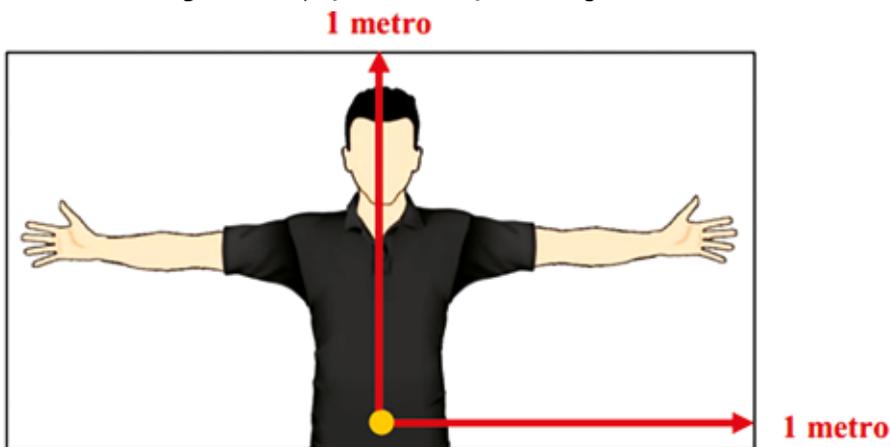
Fonte: Silva (2019, p. 159).

⁸A surdocegueira é uma condição em que se combinam transtornos visuais e auditivos que produzem graves problemas de comunicação e outras necessidades de desenvolvimento e aprendizagem. Disponível em: [<https://pedagogiaaopedaletra.com/surdocegueira/>]. O surdo apresenta apenas a perda da audição.

3.2. Enquadramento

No momento de realização de trabalhos em línguas de sinais, o enquadramento é constantemente o mais lembrado. Para trabalhos em Libras, o plano médio é o mais utilizado, pois o sinalizante é enquadrado da cintura para cima para que tanto as mãos quanto as expressões corporais e faciais possam ser facilmente perceptíveis.

Figura 4 – Espaço de sinalização nas línguas de sinais.



Fonte: Silva (2019, p.150 apud Ferreira, 2010, p. 73).

Em relação à proporção de tela, Silva (2019) pontua que o formato SD (Standard Definition – definição padrão) de 4:3 foi o padrão de vídeos no passado e já está em desuso, enquanto que o formato HD (High Definition – alta definição) de 16:9, caracterizado por widescreen, vem sendo adotado como padrão em vídeos da atualidade. Indica também que essa proporção é suficiente para que o sinalizante e os recursos visuais semiológicos (figuras e ilustrações, legendas, efeitos, por exemplo) possam ser incluídos sem atrapalhar a visualização de um em relação ao outro; ao contrário do que acontece no formato de 4:3, que não parece ter espaço suficiente.

3.3 Estilo

Para Silva (2019) “a postura pode ser responsável por demonstrar o valor do discurso. Caso não haja postura, o discurso poderia se tornar irrelevante e ser prejudicado”. As figuras abaixo, por sua vez, ilustram a postura dos sinalizantes que demonstra o valor do discurso.

Figura 5 – Estilo, segundo Silva.



Fonte: Silva (2019, p146).

3.4. A vestimenta e a imagem do sinalizante

Para Silva (2019, p.123), a cor da roupa tem seu valor para a compreensão da língua de sinais. “Pelo fato de a sinalização ser realizada na frente do peito do sinalizador, é importante que a roupa seja lisa e de cor neutra, para a clareza da sinalização”.

As cores de camisetas servem como recursos e são usadas em vídeos em Libras para diferentes funções, como: registrar uma nota de rodapé, identificar citações, autores entre outros. A *Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras* da UFSC e as recomendações da *Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais* (BRASIL, 2009) orientam o uso de uma vestimenta composta por uma cor que contraste com a cor de pele do sinalizante e com o plano de fundo.

Em relação à imagem do sinalizante, a recomendação da *Revista Brasileira de Vídeo-Registro*⁹ é que se o sinalizante for homem, deve fazer a barba ou que ela esteja devidamente limpa e aparada. Evitar o uso de aliança, se esta for muito grossa de modo a reluzir no vídeo. Se a sinalizante for mulher, seguem algumas orientações:

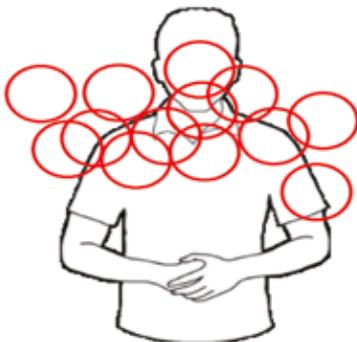
⁹ Norma F, disponível em [<https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>].

1. Se tiver cabelo longo, amarre para trás a fim de evitar o balanço e movimento dos fios, que podem atrapalhar na sinalização.
2. Evitar o uso de brincos e anéis grandes, tiaras e laços de diferentes matérias e roupas estampadas, pois isto atrapalham na visualização dos sinais.
3. É permitido o uso de brincos pequenos e alianças de casamento, desde que não atrapalhem a visualização dos sinais.

3.5. Localização das soletrações manuais

A localização de soletrações manuais é considerada uma importante estratégia para a enunciação clara. Nas figuras ilustrativas abaixo, Silva (2019) verifica o ponto de localização de soletração manual de maior frequência e recorrência por cada um dos sinalizantes nos vestibulares dos anos 2012 e 2019 da UFSC. Foi possível encontrar alguns pontos de localização de soletração usados com mais frequência, especialmente no lado direito.

Figura 6 – Variação da localização da soletração manual nos Vestibulares UFSC 2012 e 2019.



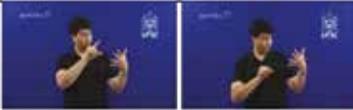
Fonte: SILVA (2019, p.181).

3.6. Fraseologia do gênero *videoprova*

Existem sentenças indispensáveis que caracterizam o gênero prova e que pelo uso frequente devem ser levadas em consideração. Com exceção das provas relativas a redação e a questões discursivas, podemos encontrar nos enunciados das questões as seguintes frases em Libras¹⁰:

¹⁰ Utilizamos os sinais em Libras no sistema de notação por palavras. De acordo com Amaral (2012, p. 32), o sistema de notação em palavras tem este nome porque as palavras de uma língua oral são utilizadas para representar aproximadamente os sinais em Libras (Brito, 1995). Disponível em: [https://www.dca.fee.unicamp.br/~martino/doutorados/Amaral,Wanessa_D.pdf]. Acesso em: 09 mar. 2021.

Figura 7 – Frases recorrentes nas provas de Vestibulares UFSC 2012 E 2019.

	2012	2019
VER		
RESPOSTA (várias)	-	
ESCOLHER (respostas)		
CORRETA		
SOMAR (números das respostas)		
REGISTRAR (número somado)		

Fonte: Silva (2019, p.185) .

Nota-se que a ordem sintática e os elementos lexicais são padronizados em todas as provas do Vestibular UFSC 2019, assim como apresentado no quadro acima, independentemente dos sinalizantes envolvidos, em comparação às provas do Vestibular UFSC 2012, que apresentam variação – em suas formas frasais ou lexicais –, dependendo de cada sinalizante envolvido. Para o pesquisador, a padronização serve para marcar o estilo do gênero e é considerada como uma estrutura estável de organização do conteúdo e apresentação desse gênero, uma vez que esse gênero vem sendo produzido há anos por essa universidade.

3.7. Pausa estilística

As pausas estilísticas são consideradas aqui como um dos aspectos importantes, principalmente, nos gêneros mais formais em Libras. Pausa es-

tilística ou o intervalo de sinalização é uma estratégia para separar frases ou partes sinalizadas. Silva (2019) apresenta em sua tese os tipos de pausa ou intervalo de sinalização utilizados nas provas de Vestibulares da UFSC de 2012 e 2019.

Figura 8 – Pausas estilísticas empregadas nos Vestibulares UFSC 2012 e 2019



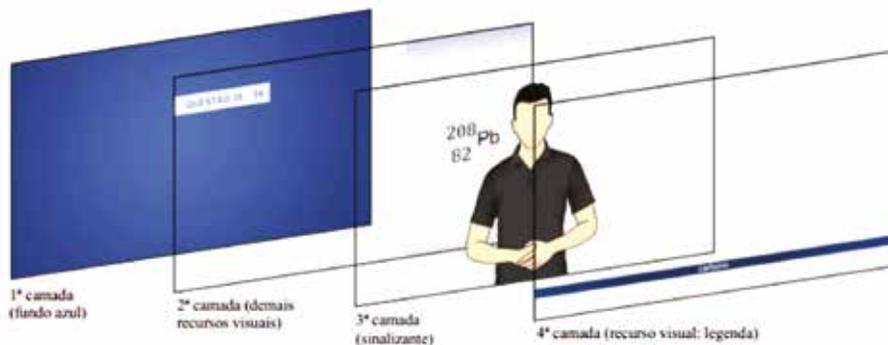
2019
 Fonte: Silva (2019, p.183)

Essa estratégia serve para facilitar a fase de interpretação da videoprova na gravação de um texto longo, ao separar as instruções de prova, comandos de questões, textos de apoio, questões, alternativas, trechos de textos que serão traduzidos em blocos, reconhecendo as pausas estilísticas como pontos de corte no vídeo, caso haja algum erro de tradução. Ela também será empregada de acordo com cada sinalizante, que definirá sua unidade de tradução.

3.8. Camadas de vídeo

Neste tópico, Silva (2019) demonstra como o vídeo pode ser editado através de camadas. Estas por sua vez permitem a inserção de figuras e legendas. Observe a figura abaixo, que representa a organização do vídeo da prova em camadas.

Figura 9 – Organização das camadas de vídeo para videoprova.



Fonte: Silva (2019, p.191).

Organizar o vídeo em camadas é uma técnica interessante, especialmente para que a sinalização (na 3ª camada) seja mais destacada e melhor visualizada, sem que haja sobreposições de recursos visuais (inseridos na 2ª camada). O único recurso visual que costuma se sobrepor ao tradutor é a legenda, que costuma ser colocada na última camada e localizada na região entre umbigo e cintura do sinalizante, como nas figuras abaixo.

Figura 10 – Camadas do vídeo nas provas do Vestibular 2019 UFSC.



Fonte: Silva, 2019, p.193.

Conforme as figuras ilustrativas acima apresentam, dividir o vídeo em camadas é uma estratégia eficaz e efetiva para melhorar a visualização da sinalização e das expressões das mãos e do rosto, sem distração dos recursos visuais semiológicos sobre elas. O recurso visual legenda é normalmente colocado sempre na última camada e deve-se tomar o cuidado de colocá-la de forma a que não atrapalhe a visualização da sinalização, mais abaixo do espaço de sinalização.

3.9. Figuras e ilustrações

De acordo com o pesquisador, os recursos visuais semióticos são considerados multimodais. As informações multimodais se encontram disponíveis cada vez mais na atualidade devido aos avanços tecnológicos. “Nesse sentido, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 44) observam que os recursos visuais (tais como: índices, tabelas, gráficos, etc.), geralmente ajudam os leitores a capturar a informação de forma mais rápida e eficaz” (Silva, 2019, p. 196).

O autor compara uso de figuras utilizadas nas provas de vestibulares da UFSC em 2012 e 2019, conforme a figura abaixo.

Figura 11 – Figuras utilizadas nos Vestibulares UFSC 2012 e 2019

	2012	2019
Figura Inteira	 <p>Figura inteira com fundo PRETO.</p>	 <p>Figura inteira com fundo BRANCO.</p>
Figura Fixada ao TA	 <p>Figura ao lado do TA sem fundo específico.</p>	 <p>Figura ao lado do TA com fundo específico BRANCO.</p>
Legenda	 <p>Legenda sem fundo específico.</p>	 <p>Legenda com fundo específico AZUL escuro.</p>
Logotipo	 <p>Logotipo fixo no canto superior e direito.</p>	Não possui.
Tema Fixo	 <p>Tema fixo no canto superior e esquerdo, sem fundo específico.</p>	 <p>Tema fixo no canto superior e esquerdo, com fundo específico BRANCO.</p>
Vídeo*	Não foi encontrado.	 <p>Vídeo no enquadramento inteiro.</p>

Fonte: Silva (2019, p. 192).

Segundo o quadro acima, percebemos a diversidade de recursos visuais utilizados nas videoprovas analisadas pelo autor (SILVA,2019). Podem ser figuras, vídeos, logotipo, legendas; todos eles precisam estar dispostos e a serviço do tradutor a fim de auxiliá-lo no momento da tradução. Sobre o uso de legendas, o autor faz apontamentos interessantes, os quais veremos a seguir.

3.10 Legendas

A legenda é um dos recursos visuais importantes no gênero prova e é utilizada comumente para representar as complexas soletrações manuais, palavras estrangeiras bem como para garantir as informações claras. Silva (2019) considera que as soletrações manuais facilitam a percepção e compreensão quando acompanham as legendas, economizando o tempo de ler e assistir a sinalização mais de uma vez. (Silva, 2019, p.199)

Figura 12 – Legendas com e sem fundo específico.



Fonte: Silva (2019, p.163).

A figura acima mostra o uso de legendas de duas maneiras. As duas formas podem ser utilizadas, porém inserir um fundo específico para a legenda foi uma forma de destacar visualmente este recurso.

Além dos aspectos abordados até agora, Silva (2019) faz considerações sobre a velocidade de sinalização e aplicação do efeito de tela preto na transição de um vídeo para outro, que são itens que compõem o gênero videoprova.

Os dez pontos acima mencionados são informações importantes para um tradutor que atua com a elaboração e registro de videoprovas. Também seria de grande valia uma disciplina que trabalhasse com esses aspectos no intuito de formar e oferecer conhecimento específico ao discente que está no processo de constituição profissional na área.

Outra contribuição importante e que merece destaque é a palestra realizada pelo Professor Doutor Rodrigo Rosso no 6º Congresso de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais e Língua Portuguesa, ocorrido na UFSC em 4 de outubro de 2018. Nessa ocasião, ele discorreu sobre “Tradução de avaliações em Libras: desafios e perspectivas”. O pesquisador demonstra a estrutura da avaliação do Enem e faz algumas reflexões sobre os problemas enfrentados pela comissão diretora no ano de 2017. Seus apontamentos geraram importantes reflexões e mudanças significativas para as provas seguintes. Os pontos mais importantes abordados na palestra foram:

- Escolha da equipe de trabalho;
- Tempo para realização da tradução e produção do exame;
- Escolha das estratégias de tradução;
- Estudo do conteúdo das questões e consulta aos especialistas do INEP;
- Sigilo.

Em relação ao trabalho do tradutor e intérprete, o Prof. Dr. Rosso enfatizou a participação de sua equipe de confiança, que seguia os critérios de fluência, experiência, proficiência em Língua Portuguesa e Libras e ser aprovado pela comunidade surda. Destacou também que a tradução seria prejudicada se o sinalizante apresentasse todos os requisitos, mas não soubesse se portar diante da câmera no momento de gravação.

O tempo de duração da videoprova também foi um aspecto abordado e o tipo de questões a serem evitadas. Outro assunto foram as questões que usam de metáforas da cultura ouvinte e que muitas vezes o candidato surdo não entende. Como exemplo, o pesquisador cita a metáfora “Esta não é minha praia”. Entraram também nesse tópico questões que envolvem música e poesia. Para Rosso, no contexto da videoprova do Enem em Libras “É preciso respeitar a cultura dos surdos, não a dos ouvintes, senão não adianta.” (ROSSO, 2018, tradução de avaliações em Libras: desafios e perspectivas)¹¹.

A palestra nos permite perceber algumas etapas comuns no processo de tradução de prova: o estudo do conteúdo, a escolha da equipe e as estratégias de tradução para gêneros.

¹¹ Tradução nossa. Disponível em [www.youtube.com/watch?v=NZOI_-A-JZJ].

Os tópicos acima foram também observados na dissertação de mestrado de Guedes (2020), que traz aspectos importantes sobre a organização do processo de tradução de provas em Libras.

A pesquisa do autor supracitado, que tem como título “Tradução de provas para Libras em vídeo”. Teve como objetivo mapear as videoprovas brasileiras de 2006 a 2019. Além disso, ele identificou e descreveu as etapas que antecedem a gravação, bem como as que ocorrem durante e depois de seu registro em Libras. Como metodologia adotada, o pesquisador utilizou a pesquisa bibliográfica e um questionário dirigido a profissionais que atuaram na tradução de videoprovas por todo o Brasil. A seguir, destacaremos os pontos mais relevantes de sua pesquisa a partir de agora.

Segundo Guedes (2020), os primeiros tradutores desbravadores desse campo do conhecimento surgiram juntamente com o Prolibras¹² e com o curso Letras Libras da UFSC, em 2006. O autor afirma que eles atuaram com pouco material para consulta sobre o processo de tradução para a Libras em vídeo e, portanto, os envolvidos passaram a criar suas próprias estratégias de tradução de forma intuitiva, na perspectiva da tentativa e erro.

Para Guedes (2020), ocorrem quatro etapas que iremos descrever abaixo.

Primeira etapa

Denominada como estruturante. Consiste no período em que, após selecionar a equipe multiprofissional de trabalho (tradutores/intérpretes, editores, operadores de câmera etc.), o tradutor e/ou a equipe de tradução estrutura o seu esquema de trabalho, propõe a divisão das questões de acordo com a afinidade dos tradutores ao tema, estabelece os prazos das equipes, organiza as agendas do estúdio de gravação, do editor e/ou da equipe de edição, dos revisores, enfim, uma lista de checagem de todos os recursos necessários para a produção.

Segunda etapa

O autor denomina pré-tradução. Nela, o tradutor e/ou a equipe realizam a leitura, a discussão das questões, propõe soluções para os problemas de

¹² Prolibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa. Disponível em: [<http://portal.mec.gov.br/pnlem/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17436-prolibras-programa-nacional-para-a-certificacao-de-proficiencia-no-uso-e-ensino-da-lingua-brasileira-de-sinais-libras-e-para-a-certificacao-de-proficiencia-em-traducao-e-interpretacao-da-libraslingua-portuguesa-novo>]. Acesso em: 26 fev. 21.

tradução com o uso ou não dos recursos tecnológicos. O pesquisador cita Pfau e Zipser (2014, p. 314) ao salientar que “Se for feita uma boa análise [do texto] antes de iniciar um trabalho, é possível economizar tempo no final do processo de tradução, porque não serão encontradas tantas dúvidas”. Para o autor, é nessa etapa que o tradutor precisará valer-se da sua capacidade de acessar fontes externas para poder sanar possíveis dúvidas em relação aos conteúdos das questões que ficaram sob sua responsabilidade, ou seja, a subcompetência instrumental (PACTE, 2003), no caso específico das traduções para videoprovas, essa consulta não se limita ao entendimento do conteúdo, mas também inclui uma consulta a outras videoprovas que porventura já tenham tratado e solucionado determinados problemas de tradução-interpretação.

Terceira etapa

Chamada pelo autor de fase da tradução-interpretação. É o momento de realizar a filmagem do texto preparado na fase de pré-tradução. É nessa etapa que se pode observar a individualidade do tradutor que emprega as suas estratégias pessoais.

Existem diferentes estratégias utilizadas nesse tipo de produção, a saber: (i) uso de glosas exibidas no teleprompter; (ii) memorização do texto pelo tradutor, sem nenhum suporte ou apoio externo; (iii) tradução memorizada, porém com pistas colaborativas de outro tradutor, atuando no apoio; (iv) tradução a partir do texto em português exibido no teleprompter; e (v) a tradução a partir da leitura do texto em português escrito. (GUEDES, 2019, p.81).

De acordo com a citação, é possível perceber que o tradutor é aquele que vai determinar a sua estratégia de apoio da tradução, o que mais lhe lembrará do texto traduzido, sejam dicas em vídeo, gravação de áudio, texto no teleprompter etc. Esses recursos podem ser combinados, a depender do local de gravação do vídeo.

Segundo o autor, nessa etapa será requerida a subcompetência de conhecimentos sobre tradução ao elaborar traduções feitas a partir de textos escritos em Português e ao disponibilizá-las no formato de vídeo. Também será acionada a subcompetência estratégica, pois é aqui que o profissional externalizará com seu corpo as soluções previamente pensadas para determinadas situações, como por exemplo, apontar para o local imaginário correto que o objeto ou a figura será inserida posteriormente (SOUZA, 2010; RODRIGUES, 2018a).

Quarta etapa

Nomeada pelo pesquisador de fase pós- tradução. É aqui que o autor infere serem exigidos do tradutor/intérprete os conhecimentos relativos à subcompetência instrumental (PACTE, 2003). Essa subcompetência refere-se à capacidade do tradutor de buscar e acessar fontes externas de documentação, como os dicionários, as enciclopédias, as gramáticas, os textos especializados, os pesquisadores, os softwares de memória de tradução, os bancos de dados, quando os seus próprios conhecimentos forem insuficientes para realizar determinada tradução.

Guedes (2020) ainda salienta que além dessas etapas é preciso que o/a TILS esteja atualizado/a em relação às demandas de trabalho que podem surgir. A tradução de provas é uma delas e requer profissionais competentes para esse papel.

4. Considerações finais

Pelo que foi exposto aqui, percebemos que a tradução de videoprovas é uma área em expansão e os TILS devem receber em sua formação as orientações que os tornam aptos a traduzir e produzir videoprovas. O conhecimento das etapas de tradução, bem como os recursos tecnológicos e procedimentais desse tipo de demanda devem ser de conhecimento dos tradutores que atuam em ambiente de avaliação.

O estudo constante das línguas de trabalho também deve ser colocado em prática, pois isso permitirá o acionamento de características próprias da modalidade viso-espacial. Para o tradutor e intérprete de Libras que atua no contexto de videoprovas, é necessário o desenvolvimento de habilidades que possibilitarão um melhor entendimento das questões, como dirigir o olhar para uma imagem ou indicar no espaço de sinalização uma legenda, o espelhamento e o uso do espaço no vídeo. Acreditamos também que conhecer os programas de edição seja de grande auxílio para estes profissionais.

Esperamos que este artigo auxilie os tradutores que atuam neste campo e possam apoiar o desenvolvimento de mais pesquisas, principalmente os que tenham como foco os procedimentos necessários para desenvolver esse trabalho. É nosso desejo que o campo dos ETILS seja fortalecido por este artigo e por outras pesquisas que venham na área de tradução de videoprovas.

REFERÊNCIAS

ALBRES N. A.; SANTIAGO. V. (Orgs.). *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012. 219 p.: 21cm (Série Pesquisas).

BRASIL. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência* (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em [https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/205855325/lei-13146-15]. Acesso em 12 jul. 2020.

COPERVE, Universidade Federal de Santa Catarina. *Programa especial de licenciatura em Letras Língua Brasileira de Sinais-Libras*. Processo seletivo EAD 2006. Edital. Edital completo. Disponível em [http://antiga.coperve.ufsc.br/ead2006/libras/]. Acesso em 27 jul. 2020.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, F. E. *Tradução de provas para Libras em vídeo: mapeamento das videoprovas brasileiras de 2006 a 2019*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

RODRIGUES, N. H. *Tecnologias virtuais e análise videográfica: o Youtube® como recurso de pesquisa para compreensão sobre a imagem do idoso brasileiro*. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. *Tradução em Revista*, n. 24. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34535/34535.PDFXvmi=]. Acesso em: 27 jul. 2020.

_____. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas. 2018a, v. 57, n. 1, p. 287-318. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0287.pdf]. Acesso em: 20 set. 2020.

ROSSO, R. Tradução de avaliações: desafios e perspectivas. 6º CONGRESSO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS E LÍNGUA PORTUGUESA. UFSC, 04/10/2018. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=NZOI_-A-JZ]. Acesso em set. 2020.

SANTOS, S. A. Estudos da Tradução e Interpretação de língua de sinais nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução. *Revista da Anpoll*, v. 1, nº 44, p. 375-394, Florianópolis, jan./abr. 2018.

SILVA, R. C. *Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise*. Dissertação (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

UNICAMP. *Relatório sobre a política linguística de educação bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. 2014. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513]. Acesso em: 24 jul. 2020.